

COMPORTAMENTO DOS PREÇOS DO BOI GORDO E INSUMOS NO PERÍODO DE 1997-2005.

Maria Cecília Cavallini, Silvia Maria Almeida Lima Costa, Maysa Mazzola, Flávia Aparecida de Carvalho Mariano – Ciências Agrárias - Agronomia - Departamento de Fitotecnia, Tecnologia de Alimentos e Sócio-Economia – Faculdade de Engenharia - Campus de Ilha Solteira.

No Brasil, a pecuária bovina de corte possui longo ciclo de produção, variando de 5 a 7 anos, de acordo com o nível da tecnologia adotado. A produção convencional de gado de corte é dividida em três fases: cria, recria e engorda, todas elas desenvolvidas predominantemente em pastagens, as quais podem ou não estar integradas dentro da mesma propriedade rural.

O segmento de criação produz gado para reposição do rebanho e vacas de descarte, enquanto que o processo de engorda produz o boi gordo. O abate produz a carcaça e subprodutos como couro, vísceras brancas e vermelhas, ossos e sangue para farinhas, chifres, bile, etc. Parte da carne, também é transformada em charques e linguiças pelos frigoríficos locais.

Os preços dos produtos são determinados pelos níveis de oferta e procura, mas também em função dos preços dos principais estados produtores da Federação (Regiões Centro-Oeste e Sudeste). Os preços dos produtos da pecuária de corte do Acre sofrem deságios de até 20% nos preços do boi gordo e de até 35% nos preços do gado de reposição. No caso do boi gordo este deságio ocorre principalmente devido a três fatores: grande distância do estado em relação aos grandes centros consumidores; nível de barreira sanitária desfavorável (médio risco) em relação aos outros estados fornecedores; concorrência de estados que possuem um maior volume de oferta (EMBRAPA).

O deságio do preço do gado de reposição em relação ao mercado nacional é devido, em alguns casos, à baixa qualidade genética e baixo peso do gado, além das condições de acesso, transporte e intermediação até o comprador (EMBRAPA).

O mercado de reposição comercializa animais com idades de 8 a 10 meses e com um peso médio de 6 arrobas por bezerro e de 5 arrobas por bezerra. A relação de bezerro e boi gordo oscila entre 2,4 e 2,5 bezerras para cada boi gordo típico de 17@.

A cadeia tem como primeiro elo o produtor, que resente bastante a mudança de paradigma da pecuária nacional, da pecuária extensiva, extrativista, apoiada na fertilidade natural das pastagens e, conseqüentemente, de baixo custo, para a pecuária que exige produtividade em decorrência da crescente utilização de insumos, principalmente de fertilizantes, elevando os custos de produção e reduzindo as margens de lucro. O segundo elo da cadeia é o do transporte, que opera com dificuldades, em virtude do sucateamento das rodovias e das ferrovias brasileiras, o que eleva os custos do frete. O terceiro elo é o de processamento e industrialização da carne bovina, cujos frigoríficos têm operado com capacidade ociosa. O quarto elo é o de transporte do frigorífico até o comércio atacadista e varejista. Na ponta da cadeia estão os supermercados e os açougues, fundamentais no processo de organização da cadeia, dada a grande interface com o consumidor.

Essa cadeia carece de coordenação, embora vários esforços estejam sendo efetuados nessa direção. A falta de integração e de coordenação dos elos da cadeia têm interferido no seu desempenho, sendo que a ausência de contratos que regulem a comercialização tem causado prejuízos, impedindo a adoção de novas tecnologias e reduzindo a competitividade do segmento em nível internacional.

O objetivo do trabalho foi analisar a evolução dos preços do boi gordo, boi magro e sal mineral ao longo do período de 1997 e 2005, a fim de verificar como a rentabilidade do produtor tem sido afetada pelo comportamento dos preços recebidos pelo produto (boi gordo) e por alguns dos principais insumos que compõem o sistema produtivo, quais seja o sal mineral e o boi magro, este importante na atividade de engorda. Para tanto, foram construídos índices de preços recebidos e pagos pelos pecuaristas para o boi magro e sal mineral, tomando como base o mês de novembro de 2005. Foram levantados na revista de Informações Econômicas e foram calculados os índices estacionais de preços pelo método da média geométrica móvel centralizada de 12 meses, estes permitiram verificar as diferenciações existentes entre o padrão de variação dos preços do boi gordo, boi magro e sal mineral. Com os dados é possível estimar o volume de produto (boi gordo) necessários para adquirir uma unidade (toneladas) de sal e boi magro.

A Figura 1 mostra a variação do preço do boi gordo no período de 9 anos. Os valores usados são os preços reais que são obtidos com a multiplicação do deflator pelo valor nominal, que foram

pesquisados na revista Informações Econômicas entre o período de janeiro de 1997 a dezembro de 2005. Pela Figura 1 podemos observar que na época da entressafra, que coincide com a estação seca (junho a agosto), onde a oferta de boi gordo é menor, são alcançados os melhores preços para a venda do boi gordo.

A Figura 2 mostra a variação do preço do boi magro no período de 9 anos. Os valores usados são os preços reais que são obtidos com a multiplicação do deflator pelo valor nominal, que foram pesquisados na revista Informações Econômicas entre o período de janeiro de 1997 a dezembro de 2005. Pela figura podemos observar que na época da entressafra, os preços alcançados pela compra do boi magro é maior, uma explicação pode ser pelo fato que da grande procura para reposição do gado (boi gordo) que foi vendido na época que os preços estavam com altos índices de preços para o boi gordo.

De acordo com a Figura 3, podemos observar que na época em que o preço do boi gordo atinge melhores preços proporcionalmente o preço do sal também aumenta. Uma justificativa seria de que na entressafra do boi gordo a demanda por sal mineral é maior, uma vez que a alimentação animal deve ser suplementada, pois há escassez de pastagens.

De acordo com a Figura 4, podemos observar que a estacionalidade influencia no preço real para compra do boi magro; observa-se que no período de entressafra (julho), o preço alcançado pela compra do boi magro é maior, isso porque, nesse período há uma grande procura para reposição do rebanho vendido, enquanto que no período da safra (janeiro) o preço do boi magro é menor.

De acordo com a Figura 5, podemos observar que a época de maior preço do boi gordo é a época de entressafra (julho), isso porque é nessa época em que há escassez de carne no mercado devido à seca. Já, no período de safra (janeiro), o preço é menor.

De acordo com a Figura 6, observa-se que no período de entressafra do boi, o preço do sal é maior, isso porque a demanda por sal mineral nesse período também é maior, uma vez que os pastos estão secos e a alimentação deve ser suplementada.

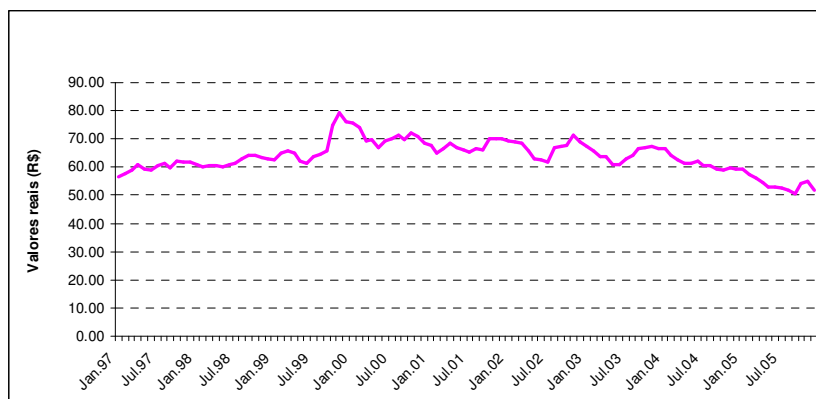


Figura 1: Comportamento do preço real do boi gordo no período de Janeiro de 1997 a Dezembro de 2005.

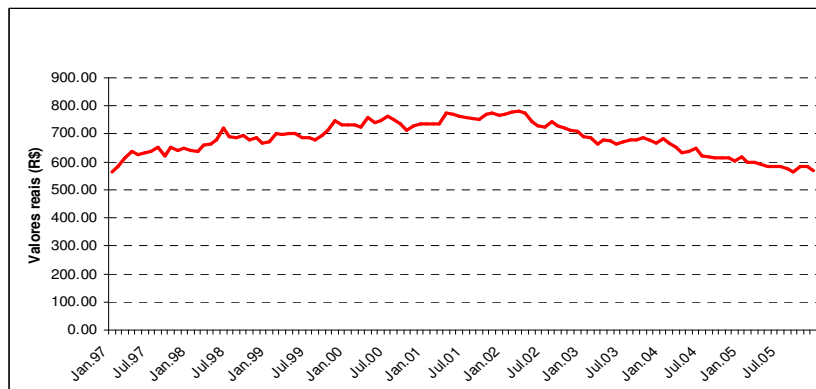


Figura 2: Variação do preço (valores reais) do boi magro no período de Janeiro de 1997 a Dezembro de 2005.

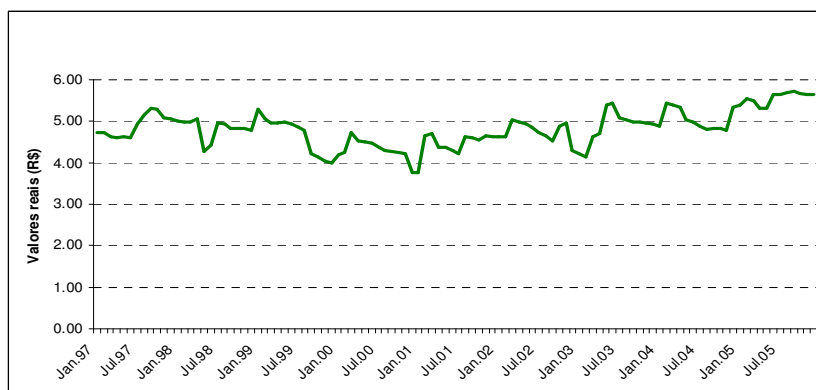


Figura 3: Variação do preço (valores reais) do sal mineral no período de Janeiro de 1997 a Dezembro de 2005.

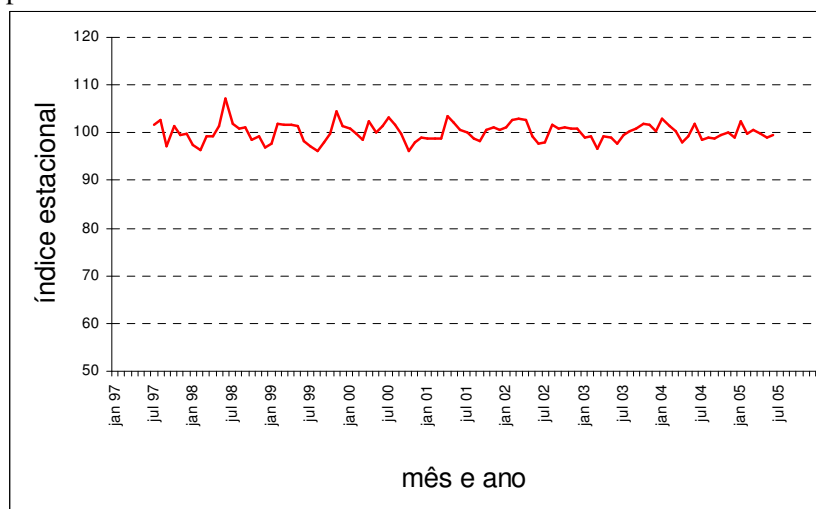


Figura 4: Índice de Estacionalidade do boi magro pago pelos produtores de São Paulo no período de Janeiro de 1997 a Dezembro de 2005.

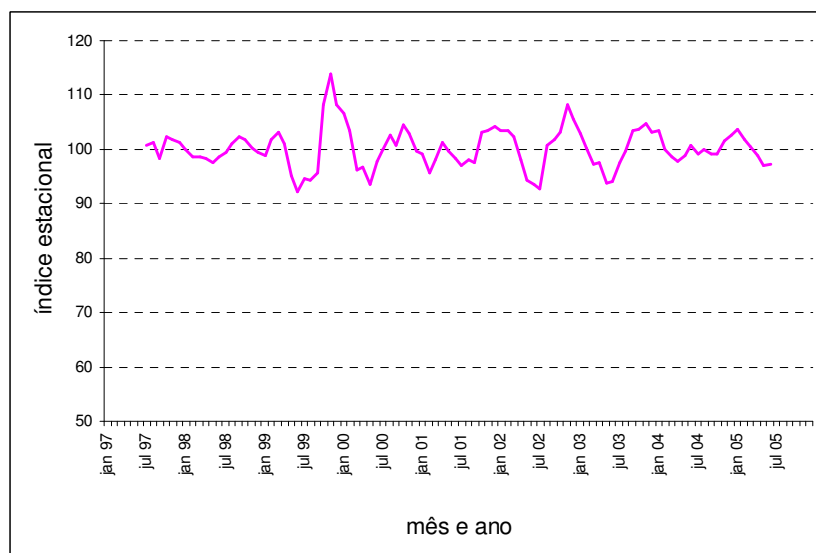


Figura 5: Índice de Estacionalidade do boi gordo pago pelos produtores de São Paulo no período de Janeiro de 1997 a Dezembro de 2005.

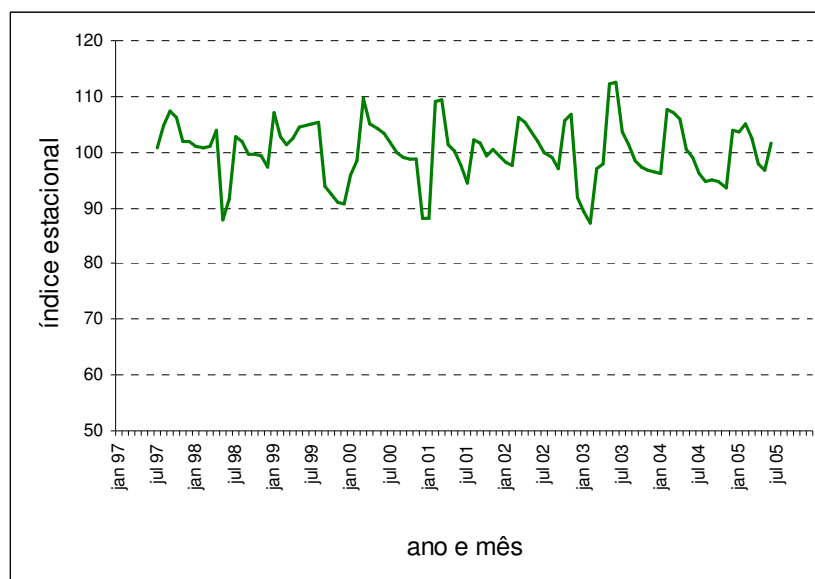


Figura 6: Índice de Estacionalidade do sal pago pelos produtores de São Paulo no período de Janeiro de 1997 a Dezembro de 2005.

Também foi analisado épocas em que o produtor de carnes obteve maior ou menor lucro na conversão de arroba de boi gordo por tonelada de sal. Exemplificando épocas que ele precisou de uma maior quantidade de arrobas para comprar uma mesma quantidade de sal, ou seja, uma tonelada, podemos observar a data: setembro de 2005 (113,20 @ / t de sal), já no mês de novembro de 1999 foi à data em que ele precisou de uma menor quantidade de arrobas, ou seja, 50, 98 arrobas para comprar uma tonelada de sal.

O mesmo acontece para a conversão de quantas arrobas de boi gordo será preciso para comprar uma u.a. de boi magro. A data em que foi preciso uma maior quantidade de arroba para comprar uma u.a. foi junho de 1998 (11,89 @ / u.a.), enquanto que em novembro de 1999 foi aonde precisou de uma menor quantidade de arrobas (9,45 @ / u.a.).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Informações Econômicas, São Paulo, Instituto de Economia Agrícola Mensal, vários volumes.

EMBRAPA. Sistemas de produção. Disponível em:

<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/BovinoCorte/BovinoCorteAcre/mercacomerc.htm>. Data de acesso: 12.junho.2006.

PEROBELLI, F. S. Comportamento do boi gordo. **Revista Agroanalysis**, São Paulo, v. 24, p. 46, 2004.

ROSA, F. R. T.; ALENCAR, L., TORRES JR, A. M. Mudanças na exportação de carnes. **Revista Agroanalysis**, São Paulo, p.17, 2004.